Cadernos de Gênero e Tecnologia
ISSN: 1807-9415

http://periodicos.utfpr.edu.br/cgt

Ganhe o mundo com uma boa ideia

Barbara Antunes da Silva
Email: barbara.antunes@gmail.com
Orcid: 0000-0002-4633-3869
Instituição: Ministério da Saúde, Brasília, DF, Brasil

RESUMO

O presente artigo apresenta a trajetória de Ekarinny Myrela Brito de Medeiros, jovem cientista nordestina oriunda da escola pública, a partir de seu relato no projeto Conversando Sobre, com o objetivo de refletir sobre o acesso e a permanência de jovens mulheres na ciência. Com base na análise do relato e de fontes documentais, abordam-se a influência da educação, do incentivo docente e das oportunidades de iniciação científica, bem como as desigualdades sociais e de gênero que atravessam o fazer científico. A trajetória de Ekarinny evidencia a capacidade da pesquisa de transformar problemas cotidianos em soluções, como o desenvolvimento de um cateter bioativo a partir do líquido da castanha de caju, e revela a importância das redes de apoio, do financiamento e das instituições públicas de ensino e pesquisa. Conclui-se que ampliar oportunidades e combater barreiras de gênero e classe é fundamental para democratizar a ciência e fortalecer pesquisas comprometidas com a transformação social.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres na ciência. Educação científica. Desigualdade de gênero. Iniciação científica. Ciência e tecnologia.

INTRODUÇÃO

Boas ideias talvez não sejam tão raras quanto se pensa. Talvez o que realmente seja escasso são as oportunidades e quando elas surgem, normalmente através de pessoas e situações que ajudam a construir caminhos para driblar as dificuldades que a sociedade excludente impõe, grandes e transformadoras ideias brotam e frutificam.

Foi através de oportunidades que a jovem Ekarinny Myrela Brito de Medeiros, de Mossoró-RN, não só conseguiu desenvolver uma grande ideia, como também ficou conhecida em todo o Brasil. Ela contou sua história de muita superação em uma conversa realizada em 22 julho de 2020, pelo projeto Conversando Sobre, coordenado pela professora Dr. Lindamir Salete Casagrande e pelo Ms. Michel Alves Ferreira, pesquisadores membros do Núcleo de Gênero e Tecnologia – GeTec da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Oriunda de escola pública, a "jovem, moça, mulher" de 20 anos, como precisou a professora Lindamir (Casagrande, 2020), curadora da conversa, e graduanda do curso de Biomedicina, contou sobre sua relação com a ciência que se iniciou ainda enquanto estava no ensino médio.

Nordestina, mulher e jovem, Ekarinny não se via como pesquisadora e agora relatou que não pensa em fazer outra coisa que não seja a pesquisa. Já participou de feiras de ciências nacionais e internacionais, bem como, do quadro "*The Wall*" do programa televisionado "Caldeirão do Huck" (EKARINNY E FELIPE PARTICIPAM DO THE WALL, 2020), em junho de 2020, onde o Brasil inteiro pode conhecer sua história.

Foi assistindo a esse programa que a professora Lindamir se encantou por Ekarinny, principalmente pelo fato de a jovem não buscar realizar apenas os seus sonhos, mas também levar outros jovens consigo, criando oportunidades.

A ciência entrou na vida de Ekarinny por inspiração de três amigos que participaram e gostaram muito da Feira de Ciência no Semiárido Potiguar, a qual é parte do programa Ciência Para Todos, desenvolvido em parceria com a Universidade Federal Rural do Semi-árido - UFERSA e tem como objetivo "[...]estimular o interesse pela ciência nos jovens de localidades remotas do sertão do semiárido" (CIÊNCIA PARA TODOS NO SEMIÁRIDO POTIGUAR, 202?). Motivada, a jovem colocou como meta desenvolver um projeto científico para que no próximo ano pudesse participar da feira também.

A pesquisadora afirmou que a falta de recursos na escola onde cursava o ensino médio, que não tinha nada além do mínimo de materiais e das professoras e professores dispostos a ensinar, também foi um fator motivador para sua entrada no mundo da pesquisa. A jovem queria "fazer dar certo" e, citando o ensinamento da sua professora de biologia que se tornou a sua orientadora na pesquisa, Luisa Kiara Dantas Azevedo, comentou que aprendeu que o método científico era: olhar para o mundo, achar um problema e tentar solucioná-lo.

Diante disso, a pesquisa deixou de ser algo inalcançável para Ekarinny. Nas palavras dela, "é muito fácil então porque, tipo, o mundo só tem problema hoje em dia, e aí eu vou ter que achar um problema para solucionar, então está muito bom" (Casagrande, 2020).

Foi assim que ela começou a olhar o mundo ao seu redor de outra maneira, com olhos curiosos, os que indagam a realidade e buscam alternativas, e realizou

o seu primeiro projeto de ciência, o qual foi aprovado na Feira de Ciência no Semiárido Potiguar em 2016.

Ekarinny começou assim a trilhar um caminho que ela não parou mais de seguir e quis ir além dos limites de Mossoró. A jovem almejava participar da maior feira de ciência do mundo, a *International Science and Engineering Fair* (ISEF), realizada anualmente nos Estados Unidos pela *Society for Science* (SOCIETY FOR SCIENCE, 2021). E, com apenas 18 anos, ela conseguiu!

Na ISEF realizada em 2019 na cidade de Phoenix, no Arizona, Estados Unidos, ela participou e, entre mais de 1800 estudantes, ficou em 1º lugar da categoria *Patent and Trademark Office Society* e o 4º lugar na categoria *Translational Medical Science* (TMED) (UFERSA, 2019). A professora Lindamir destacou a importância da conquista não só para Ekarinny, mas também para outras e outros jovens que, tal como ela foi influenciada pelos amigos que faziam ciência, agora também são inspirados pela jovem.

A pesquisadora comentou que a premiação deu bastante visibilidade para ela antes mesmo da participação no *The Wall*, e que também recebeu como prêmio um valor em dólar, um ganho surreal, em suas palavras, já que desenvolvia a pesquisa no fundo do seu quintal.

Sobre seus projetos, Ekarinny relatou que primeiro o projeto desenvolvido foi relacionado ao reaproveitamento da folha seca do cajueiro para a produção de embalagens biodegradáveis como alternativa ao isopor. Fruto deste projeto, surgiu a "*Cajubottle*" garrafa biodegradável feita com três resíduos do cajueiro.

No terceiro ano de ensino médio, a jovem quis mudar de tema, saindo da área ambiental para a área de biomedicina, que fascinava a pesquisadora. Assim iniciou o projeto do cateter bioativo feito pelo líquido da castanha do caju (LCC), esse que segue em desenvolvimento e é o mais conhecido por causa da sua participação no programa *The Wall*.

A ideia do projeto foi motivada por razões pessoais. Em 2016 a tia de Ekarinny faleceu em virtude de uma infecção na corrente sanguínea ocasionada por um cateter. O pai da sua orientadora, Luísa Kiara, também necessitava de cateter uma vez que fazia o procedimento de hemodiálise. Ekarinny e Luísa refletiram sobre o quanto é difícil as pessoas que fazem procedimentos que exigem o uso de cateter e o risco de infecção que eles podem gerar, como por exemplo no caso de quem faz a hemodiálise, pois os cateteres que ficam inseridos nas e nos pacientes que precisam ir para as suas residências e depois de dois dias retornarem ao hospital para continuarem o tratamento, aumentando o risco de bactérias e fungos entrarem em suas correntes sanguíneas.

Incomodada com isso, Ekarinny buscou a existência de um cateter no mundo que pudesse prevenir as infecções. Em sua pesquisa não encontrou nenhuma alternativa, o que a assustou. Como já tinha o conhecimento das substâncias do caju - planta nativa brasileira cultivada em larga escala no Rio Grande Norte bem como no Ceará - decorrente dos seus estudos de dois anos acumulados, lembrou do líquido da castanha do caju (LCC) que tem propriedades que inibem bactérias e fungos.

Com isso, a pesquisadora transformou a substância em um polímero. Então foram realizados vários testes físico-químicos, microbiológicos e mecânicos que comprovaram a criação de um polímero a partir do LCC, que poderia ser moldado na forma de um cateter bioativo capaz de prevenir infecções, uma vez que

bactérias e fungos não proliferaram na superfície dele, diferente do cateter convencional.

Lindamir destacou que na fala de Ekarinny ela afirmou que não sabia nada sobre o tema, ressaltando o quanto isso de que para se fazer ciência é preciso saber muito sobre o tema antes mesmo de se começar é um mito. Nas palavras da professora, "o que se precisa ter é vontade, uma hora todo cientista começou, em algum momento, e quando começa não sabe" (Casagrande, 2020), e completou dizendo que não se pode achar que não conhecer nada antes seja um fator limitante para as ideias, muito pelo contrário, o buscar saber é o combustível que move a pesquisa.

No que diz respeito ao processo de pesquisa, se não é fácil fazer ciência no Brasil, imaginem para uma jovem nordestina sem recursos, financiamento ou algum patrocínio familiar. Ekarinny comentou que foi bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em 2017, em 2018 da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte (Fapern) e em 2019 novamente do CNPq. A bolsa era de R$ 100,00, um valor longe de ser o suficiente para a estudante que precisa pagar transporte, comprar reagentes, produtos e outras necessidades para desenvolver a pesquisa. Nas palavras de Ekarinny, "eu fico muito triste quando eu falo disso, porque um dia eu quero ver o Brasil valorizando pesquisadores, valorizando a ciência, com o mínimo que pode dar que é dar recursos para isso" (Casagrande, 2020).

Com relação ao tema, a professora Lindamir pontuou sobre quantas pessoas com ótimas ideias estão espalhadas pelo país, mas que não têm recursos. E ainda, no que tange o valor da bolsa, destacou: "com R$ 100,00 por mês, faz o que? Isso não é bolsa, é bolsa-esmola" (Casagrande, 2020).

Sem recursos, a alternativa que Ekarinny encontrou foi montar um laboratório no quintal de sua casa. Comentou que muitas pessoas que a assistiram ao programa *The Wall* acharam o feito incrível, mas a questão é que ela só precisou fazer isso porque não havia outra opção, e há muita gente que passa por situações parecidas, já que muitas escolas públicas não têm laboratórios e recursos.

Em uma sociedade em que a meritocracia é enaltecida, ou seja, basta você se esforçar que o sucesso é certo, é natural que as pessoas pensem que árduos sacrifícios são motivos para aplausos. No entanto, ainda que se admita a importância do esforço individual, é necessário refletir sobre a romantização das superações de dificuldades que, em geral, são expressões da desigualdade social.

Ekarinny comentou que a família sobrevivia com apenas um salário-mínimo e não tinham como tirar qualquer valor do sustento da casa para a pesquisa. Disse que precisou ter muita persistência, junto com a sua orientadora que a ajudou muito, inclusive comprava os materiais para a pesquisa e diversas vezes deu carona para a estudante chegar em casa. A pesquisadora afirmou que é a prova viva de que todo o esforço vale a pena, mas tudo foi e é muito difícil, não deveria ser assim.

Em sua emocionante participação no programa *The Wall* Ekarinny relatou as dificuldades financeiras e sobre ter perdido seus pilares, a avó que faleceu em 2017 e a mãe em 2018. Filha única, a pesquisadora comentou que pensou em desistir de tudo, mas a sua orientadora, Luísa Kiara, a apoiou e insistiu que continuasse trilhando seu caminho (Ekarinny e Felipe participam do The Wall, 2020).

No programa, que é um quadro de perguntas e respostas em que o prêmio é em dinheiro, Ekarinny e o seu professor Felipe Ribeiro, coordenador do programa

Ciência Para Todos, tinham a intenção de arrecadar R$ 50 mil para patentear o projeto do cateter bioativo de Ekarinny e mais R$ 100 mil para um fundo de apoio às ideias de jovens cientistas do semiárido.

Com um desempenho inédito no qual o professor Felipe acertou todas as perguntas e Ekarinny jogou com muita estratégia, a dupla conquistou mais de R$ 278 mil (EKARINNY E FELIPE PARTICIPAM DO THE WALL, 2020). A questão dos recursos destinados às pesquisas hoje não preocupa mais a jovem pesquisadora, o que é um alívio, segundo ela (Casagrande, 2020).

Na fala no Conversando Sobre Ekarinny contou que a participação no programa foi muito bonita, que conseguiram emocionar muitas pessoas falando de ciência, sempre dizendo que o intuito de estar no programa televisionado era de principalmente ajudar outros jovens através da educação. Para ela, relatou, o maior prêmio foi mostrar a sua história de jovem cientista do interior do Rio Grande do Norte e poder inspirar mais pessoas.

Além dos projetos em desenvolvimento, Ekarinny também participa como voluntária no projeto Ciência para Todos desde 2017. O programa, que fez 10 anos em 2020, nasceu no intuito de incentivar e capacitar jovens do semiárido Potiguar, e professores também, para fazer ciência. Ekarinny contou sobre um estudo que mostrou que muitos jovens chegam às universidades sem sequer saber o que é o método científico. Aliás, muitos jovens pensam que nem mesmo podem chegar às universidades. Ekarinny comentou que ela própria, diante da sua origem, não pensava ser possível adentrar no ensino superior, muito menos em uma universidade pública.

Diante disso, viu-se a necessidade de conversar com as e os professores para falar sobre o método científico enquanto ferramenta para se fazer ciência, estimulando as e os estudantes a desenvolverem suas próprias ideias, e é nessa capacitação de docentes e motivação das e dos estudantes para realizarem projetos de ciência que o Ciência para Todos atua. Ekarinny pontuou que é fruto desse projeto, pois foi nele que sua professora foi capacitada e ela, por sua vez, capacitou a jovem cientista que agora como voluntária segue capacitando tantas outras pessoas por todo o Brasil.

Dessas interações, além das pesquisas desenvolvidas, tem-se como frutos o amor pela ciência e o “seguir e trazer alguém comigo”, como ressaltou a professora Lindamir na conversa (Casagrande, 2020). Ekarinny mencionou os esforços que sua professora, Luísa Kiara, fez para contribuir em suas realizações e ainda pontuou a importância das e dos professores na vida das e dos jovens, pois o apoio da sua orientadora tem sido fundamental em sua trajetória. Revelou que pensa na docência a longo prazo, afinal um dia foi inspirada por uma professora e pensa em inspirar através da docência também a vida de alguém.

Em conversa realizada com o apresentador Luciano Huck no programa *The Wall*, Ekarinny comentou que ela sequer gostava de estudar. Foi quando começou o projeto para participar da feira de ciências que ela se interessou pelo estudo, mudou sua visão e entendeu que poderia ser uma estudante de universidade pública, que poderia ser uma cientista (EKARINNY E FELIPE PARTICIPAM DO THE WALL, 2020).

O relato da jovem é um exemplo de que o estudo é para todos e todas, que não existe “aluno que não serve para o estudo”. O que existe é o desafio de encontrar temas que despertem o interesse das e dos estudantes, métodos que contemplem a diversidade de formas de aprendizado, assim como oportunidades

e investimentos nas escolas e docentes para proporcionarem um ensino que eduque para o mundo de descobertas.

Para o futuro do projeto do cateter bioativo, Ekarinny comentou ter esperança na comercialização do produto e que ainda há muitas coisas para serem realizadas no que tange aos testes e obtenção da patente dele. Feliz com a verba que conseguiu no programa *The Wall* para tornar o projeto viável, acredita que o curso de biomedicina a ajudará a colocar o produto no mercado, o que almeja acontecer em três ou quatro anos.

Nada na vida de Ekarinny foi fácil, como comentou a jovem. Encarando atualmente o desafio de morar sozinha, a pesquisadora refletiu sobre os caminhos que a levaram até onde está e que quer continuar produzindo ciência com a mesma maestria que vem fazendo. O amor pelo conhecimento científico evidenciado na fala da pesquisadora é inspirador, como pontuou, emocionada, a professora Lindamir, que também destacou sua felicidade em ver a trajetória de Ekarinny que diante das condições da vida tinha tudo para "dar errado", mas que mesmo com a pouca idade teve forças para superar todas as dificuldades que foram impostas (Casagrande, 2020).

Superação e vitória são mensagens que Ekarinny gosta de trazer também em suas falas, além do tema da ciência, e comentou acerca do uso das suas redes sociais para inspirar e se aproximar das pessoas, mas também para sua vida social, afinal nem só de estudos vive uma jovem cientista. A pesquisadora tem uma loja de artesanato onde passa o dia trabalhando para gerar sua renda, conciliando essa atividade com a pesquisa, tendo uma rotina com muitas tarefas, mas que disse gostar porque, nas palavras dela, está bastante envolvida com as atividades a ajudou a superar as perdas familiares.

A imagem de Ekarinny, como colocou a professora Lindamir, contribui para desmistificar a ideia de que ciência é sempre feita por homens, brancos, de meia idade, cabelo grisalho, pertencentes a uma elite intelectual, mostrando que ciência pode ser feita em todas as etapas da vida, por todas as pessoas. A jovem pesquisadora falou como têm lutado com outras estudantes para que mais meninas façam ciência.

Lindamir pontuou que tem visto mais os trabalhos das meninas ganhando destaque no cenário nacional, e que é importante observar que essas pesquisas têm buscado a solução para problemas regionais, que afetam a comunidade na qual essas jovens estão inseridas. Nas palavras da professora, é essa ciência que se precisa estimular, a que busca melhorias e desenvolvimento das comunidades onde se atua, investindo mais nas escolas e dando condições para que ela aconteça, afinal a escola tem um papel fundamental nessa trajetória.

Para Ekarinny, fazer ciência olhando ao redor, para as e os familiares e a vida no cotidiano possibilita entender que a ciência é para todo mundo e que pode-se solucionar os problemas que nos rodeiam. Citando Juliana Estradioto, outra jovem cientista que também é sua amiga, enfatiza a necessidade de incentivar jovens para a ciência com esse olhar para suas comunidades.

Sobre ganhar o mundo com uma boa ideia, Ekarinny disse que já ganhou o mundo já que para ela esse mundo diz respeito ao que está perto dela, citando como exemplo o mundo das pessoas que fazem o procedimento de hemodiálise e que a partir da ideia do cateter bioativo ela descobriu uma maneira de transformar a vida dessas pessoas. Para ela, são vários mundos e várias vidas que podem ser impactadas, mas se apenas uma vida for afetada por suas pesquisas, já valeu a

pena e ela já ganhou o mundo. Ekarinny reforçou que é fundamental fazer ciência para o outro, não para si.

Nesse sentido, Lindamir, que é pesquisadora da história das mulheres na ciência, colocou que o fazer a ciência para o outro é uma das características da ciência feita por mulheres, pois desde muito cedo as mulheres buscaram desenvolver uma ciência que saísse do laboratório, à exemplo da Marie Curie que divulgou o conhecimento sobre a radioatividade, sem registrar patente porque ela queria que todas as pessoas tivessem acesso ao que produzia. Contou ainda que o aparelho de raio x construído por ela, não foi fruto de uma tecnologia descoberta por ela, mas a cientista foi responsável por pegar o conhecimento produzido por outra pessoa que o limitou ao laboratório e transformar em um equipamento que mudou a vida das pessoas. É certo que há homens que também fazem esse movimento, mas entre as mulheres ele é mais intenso (Casagrande, 2020). Ekarinny enfatizou que suas pesquisas são voltadas a protótipos justamente porque gosta de identificar problemas e buscar soluções.

O espaço para mulheres na ciência não foi dado, mas conquistado, como lembrou Lindamir. O direito das mulheres frequentarem as universidades no Brasil tem pouco mais de 100 anos e ainda assim não era possível entrar em todos os cursos. E mesmo que hoje existam menos barreiras para as mulheres estudarem, as dificuldades ainda estão lá, como a questão do assédio, do preconceito, de não ter um espaço para ser ouvidas e todas as adversidades enfrentadas por estudantes pelo simples fato de serem mulheres.

Questionada sobre essas barreiras, Ekarinny relatou que quando solicitou aos amigos para fazer parte do grupo, composto apenas por meninos, para realizar o projeto para a feira de ciências, sua participação foi negada porque eles não queriam mulheres no grupo. Foi quando então ela decidiu fazer um grupo só de meninas, onde ela e duas colegas conquistaram o feito de ter o primeiro projeto da escola aprovado na feira de ciências nacional.

A jovem também relatou que ouviu várias falas a desmotivando, sempre vindas de homens, inclusive da própria família, onde ouviu que ela deveria estar na cozinha, não na pesquisa. Apesar disso, Ekarinny entendeu que hoje esses homens, amigos e da família, têm orgulho da sua caminhada, inclusive o amigo que falou que mulher não era permitida no grupo hoje é seu namorado.

Lindamir ressaltou o quanto essas microviolências dificultam o caminho da mulher, pois exigem uma energia de enfrentamento que poderia ser destinada para a carreira científica, por exemplo. Ekarinny colocou que poderia ter aprendido muito com eles, os jovens meninos pesquisadores, assim como eles com ela, o que foi impedido por conta de um machismo e o quanto isso é triste, muito presente na sociedade, e afeta a todos e todas.

A jovem cientista superou cada não, cada “você não pode”, e retornou com reconhecimentos não para dizer que ela é melhor do que ninguém, mas para evidenciar que mulheres são capazes sim.

Para o futuro, a jovem pretende continuar com suas pesquisas, patentear suas invenções, entrar com os recursos necessários na Anvisa para colocar o cateter bioativo no mercado. Também tem pretensão de seguir a carreira acadêmica, fazendo mestrado e doutorado, pois almeja à docência.

Ainda que curse biomedicina em universidade particular pelo programa Prouni, Ekarinny desenvolve suas pesquisas na UFERSA e ressaltou que as

universidades públicas são as grandes incentivadoras das pesquisas e ciência no Brasil, de modo que toda a sociedade precisa defendê-la.

No programa *The Wall*, com um brilho no olhar respondendo ao apresentador Luciano Huck sobre o que quer ser quando crescer, Ekarinny disse: “eu quero ser uma boa pessoa, alguém que inspira, que levanta a pessoa para cima” (EKARINNY E FELIPE PARTICIPAM DO THE WALL, 2020). É esse o mundo que a jovem ganhou e segue cultivando, o da mútua inspiração e da contribuição para a sociedade e tantas vidas. Ekarinny é a materialização de que a ciência é para todos e todas, que a educação transforma vidas e que há uma corrente fundamental nesse processo: o incentivo.

No final do programa *The Wall*, em uma das cenas que emocionou muito, o professor Felipe disse para Ekarinny que desde a primeira vez que a viu percebeu que ela tinha um algo a mais, que sabia que ela teria um grande futuro. Que mais Felipes e Kiaras façam Ekarinnys desabrocharem e frutificarem.

Conquer the world with a good idea

ABSTRACT

This article presents the trajectory of Ekarinny Myrela Brito de Medeiros, a young Northeastern Brazilian scientist from a public school, based on her account in the Conversando Sobre project, with the aim of reflecting on the access to and retention of young women in science. Based on an analysis of her account and documentary sources, the study addresses the influence of education, teacher encouragement, and opportunities for scientific initiation, as well as the social and gender inequalities that permeate scientific practice. Ekarinny's trajectory demonstrates the capacity of research to transform everyday problems into solutions, such as the development of a bioactive catheter using cashew nut shell liquid, and highlights the importance of support networks, funding, and public educational and research institutions. It concludes that expanding opportunities and addressing gender- and class-based barriers are essential to democratizing science and strengthening research committed to social transformation.

KEYWORDS: Women in science. Science education. Gender inequality. Scientific initiation. Science and technology.

Conquista el mundo con una buena idea

RESUMEN

El presente artículo presenta la trayectoria de Ekarinny Myrela Brito de Medeiros, joven científica del Nordeste brasileño proveniente de la educación pública, a partir de su relato en el proyecto Conversando Sobre, con el objetivo de reflexionar sobre el acceso y la permanencia de las jóvenes mujeres en la ciencia. A partir del análisis del relato y de fuentes documentales, se abordan la influencia de la educación, el incentivo docente y las oportunidades de iniciación científica, así como las desigualdades sociales y de género que atraviesan la práctica científica. La trayectoria de Ekarinny evidencia la capacidad de la investigación para transformar problemas cotidianos en soluciones, como el desarrollo de un catéter bioactivo a partir del líquido de la cáscara de la castaña de cajú, y revela la importancia de las redes de apoyo, la financiación y las instituciones públicas de enseñanza e investigación. Se concluye que ampliar las oportunidades y combatir las barreras de género y clase es fundamental para democratizar la ciencia y fortalecer investigaciones comprometidas con la transformación social.

PALABRAS CLAVE: Mujeres en la ciencia. Educación científica. Desigualdad de género. Iniciación científica. Ciencia y tecnología.

REFERÊNCIAS

CASAGRANDE, Lindamir Salete. **Ganhe o mundo com uma boa ideia.** Curitiba, 22 jul. 2020. Instagram: @lindamirsalete. Curitiba, 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CC9kmFHJu09/. Acesso em: 11 mai. 2021.

CIÊNCIA PARA TODOS NO SEMIÁRIDO POTIGUAR. Quem Somos?. Ciencia para Todos. Mossoró, 202?. Disponível em: https://cienciaparatodos.com.br/quem-somos/. Acesso em: 3 jun. 2021.

EKARINNY E FELIPE PARTICIPAM DO THE WALL. **Caldeirão do Huck**. São Paulo: Globo Comunicação e Participações S.A, 13 de junho de 2020. Programa de TV. Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/8623614/. Acesso em: 11 mai. 2021.

SOCIETY FOR SCIENCE. **Mission and History**. Society for Science. 2021. Disponível em: https://www.societyforscience.org/mission-and-history/. Acesso em: 16 mai. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO - UFERSA. Estudante da Ufersa é premiada em Feira Internacional de Ciências e Engenharia dos Estados Unidos. Comunicação. Mossoró, 2019. Disponível em: https://assecom.ufersa.edu.br/2019/05/17/estudante-da-ufersa-e-premiada-em-feira-internacional-de-ciencias-e-engenharia-dos-estados-unidos/. Acesso em: 3 jun. 2021.

DOI: 10.3895/cgt.v18n50/51.22674
Como citar: SILVA, Bárbara Antunes da. Ganhe o mundo com uma boa ideia**. Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v.18,n.50/51, p. 1-10, jan./dez.2025, disponível em: **https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt. Acesso em: XXX.**

Direito autoral:
Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.